

Resumo: O autor, que foi Bispo-Auxiliar de Dom Afonso entre 1985 e 1990, traça breve retrato do homenageado. Entre outras características, ressalta em Dom Afonso o “amor à Igreja”; o seu costume de “pensar em voz alta”, dialogando com o interlocutor; a sua “paixão por Azambuja”, especialmente pelo Seminário e o Santuário; a sua capacidade de “alegrar-se com os que se alegram”, reconhecendo o bem que outros faziam; enfim, a sua dedicação integral à missão, tão bem sintetizada pelo seu lema episcopal: “Ide para a Vinha”.

Abstract: The author was auxiliary bishop of Afonso’s bishopric from 1985 till 1990 rendering a brief sketch of the honored dignitary. Among the role of distinctive traits some are outstanding and worth to be mentioned, such as his love of the Church, his habit to think aloud while in dialogue with his visitor, his passion for Azambuja, specially the Seminary and the Sanctuary, his gift to be happy with those who are happy, recognizing the good deeds which other people are doing; all in all, his total devotedness to the mission quite well synthesized by the motto as Bishop: “Go to my Vineyard” (Mt 20,4).

Dom Afonso Niehues: Um incansável trabalhador na vinha do Senhor

*Dom Murilo S.R. Krieger, scj**

* Arcebispo de São Salvador da Bahia, Primaz do Brasil.



“Onde o senhor vai morar?” A pergunta feita por Dom Afonso Niehues, logo no início do meu telefonema, me deixou desconcertado. “Como assim?”, perguntei a mim mesmo. Pela primeira vez na vida me via no grupo dos “sem casa”. Afinal, como religioso, onde quer que houvesse uma comunidade de minha Congregação, lá eu era acolhido como alguém “de casa”, membro da família. Estava percebendo que agora minha situação mudara, inesperadamente. Aquele era o meu primeiro contato com o Arcebispo de Florianópolis, com quem iria trabalhar. A notícia de minha nomeação episcopal (“Bispo de Lisínia¹ e Auxiliar da Arquidiocese de Florianópolis”) estava ainda “sob segredo pontifício” e só se tornaria pública semanas depois. Senti necessidade, contudo, de falar com ele, de me apresentar e de me colocar à sua disposição. Para dar esse telefonema, havia recebido as devidas licenças.

Até então, nosso relacionamento era bom, mas não frequente. Havia conhecido Dom Afonso quando ele era “Monsenhor Afonso”, Reitor do Seminário de Azambuja, em minha cidade de Brusque. Quatorze anos antes desse contato telefônico ele me havia ordenado sacerdote. Enquanto fui superior provincial – deixaria de sê-lo, quando fosse divulgada a minha nomeação como Bispo Auxiliar –, tive vários contatos com ele, para tratar de assuntos ligados às comunidades da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, no âmbito da Arquidiocese de Florianópolis.

“Onde o senhor vai morar?” Precisava dar-lhe uma resposta imediata. Poderia protelá-la, dizer-lhe que iria pensar e lhe responderia mais tarde. Mas nunca foi do meu feitio fazer isso, mesmo porque minha resposta já estava pronta. E ela saiu naturalmente: “Dom Afonso, pensava que iria morar com o senhor. Mas, se houver algum problema, qualquer lugar que for mais conveniente para a Arquidiocese servirá para mim!” Percebi que minha resposta o deixou aliviado: “Não, não, o senhor poderá, sim, ficar comigo. Eu é que achava que iria querer morar sozinho”.

Assim era Dom Afonso: atencioso e sumamente educado. Nosso relacionamento, nos seis anos em que convivemos juntos, foi sempre franco, direto e sincero. De poucas mortes eu senti tanto quanto a dele, em 1993: tinha consciência de estar perdendo um pai, um amigo discreto, um grande mestre. As marcas de nossa convivência, de 1985 a 1991,

¹ Por tradição, os Bispos Auxiliares recebem o título de uma antiga Diocese, que deixou de existir ou cujo território passou a fazer parte de uma nova. *Lisínia* ficava na atual Turquia.



ficaram em muito do que fui e fiz ao longo das quase três décadas desta minha vida episcopal.

1 Amor à Igreja

Uma das características mais fortes de Dom Afonso era o seu amor pela Igreja. Diria que a mãe Igreja foi a sua grande paixão. Suas amizades eram em função dela; seus projetos, em torno dela; suas opções giravam em torno da Igreja. Da Igreja era um filho fiel. Daí que para ele não custava obedecer-lhe, seguir suas orientações ou manter-se equilibrado, numa época particularmente difícil. Tendo participado do Concílio Ecumênico Vaticano II, viveu de perto algumas turbulências que abalaram dioceses e irmãos bispos. Em Santa Catarina, no final dos anos sessenta, e ao longo dos anos setenta do século passado, viveu-se um tempo de experiências. Bispo “*aggiornado*” era aquele que inovava, inventava, criava. Eram os tempos da “criatividade comunitária” que, a par de alguns valores, foi fonte de problemas mil para as Dioceses catarinenses e para algumas congregações religiosas. Dom Afonso, contudo, manteve o seu ritmo, seus programas, seu equilíbrio. Nele, o amor à Igreja estava acima do louvor fácil, imediato e superficial. Estava, também, acima de modismos.

Ele era fiel à Palavra de Deus, recebida e transmitida pela Igreja. Fiel ao Magistério, fiel aos Papas. Em 1984, numa carta pastoral que publicou por ocasião de seu jubileu episcopal, escreveu: “O Concílio deixou claro seu conceito de Igreja; essa não é formalmente apenas a hierarquia... mas são todos os incorporados a Cristo pelo batismo, que juntos formam o Povo de Deus. [...] Segundo essa visão de Igreja... temos que conhecer nossa vocação, descobrir novos carismas e pô-los a serviço do Reino de Deus”.

Se alguém fosse escrever os “*Fioretti*”² de Dom Afonso, eu contribuiria com a descrição de um fato que muito o incomodou. Uma jovem jornalista pediu-lhe que a recebesse para uma longa entrevista. Ele a recebeu e deu a sua opinião sobre os mais diversos assuntos. Terminada a entrevista, quando a jornalista já estava saindo, ela se voltou para ele e lhe perguntou: “E o que o senhor pensa a respeito do celibato?” Dom

² *Fioretti*: palavra italiana que, literalmente, significa “pequenas flores”. Essa palavra é usada como título de livros sobre santos ou pessoas famosas – livros que recolhem pequenas histórias, geralmente com alguma pitada de humor.



Afonso lhe respondeu: “Que bobagem!” O sentido da resposta era claro: ele não se referia ao celibato em si, mas, depois de tantas perguntas interessantes e significativas, por que a jornalista fez aquela, sobre um assunto que já havia sido tantas vezes esclarecido por ele e pela Igreja?... No dia seguinte, a manchete do jornal era chamativa: “Dom Afonso diz que o celibato é uma bobagem!” Claro, a notícia correu o mundo. Mais: tal afirmação ganhou um destaque maior porque colocada na boca de uma personalidade como Dom Afonso. Além de ter que se explicar inúmeras vezes, e ter que dar muitas outras entrevistas, o Arcebispo de Florianópolis sentia-se ferido e ofendido por o colocarem numa posição incômoda. De minha parte, passei a compreender seus pedidos para que eu atendesse os jornalistas...

2 Pensar em voz alta

Desde meus primeiros tempos como Bispo Auxiliar, Dom Afonso me convidava a caminhar com ele depois do jantar. Percebia que ele se sentia à vontade comigo, por eu ser bispo, podendo, diante de mim, “pensar em voz alta”. Uma de suas grandes preocupações eram as transferências dos sacerdotes. Responsável por uma arquidiocese que tinha mais de cinquenta paróquias, dois seminários e várias outras frentes de trabalho, Dom Afonso tinha um cuidado especial no momento de concretizar as mudanças necessárias entre os padres. Ele pensava nas características de cada paróquia, em suas necessidades, no povo que ali estava etc., e se perguntava qual seria o pároco, o reitor ou o responsável ideal para aquela frente de trabalho. Analisava detidamente o perfil de cada sacerdote, lembrava seus prós e contras, perguntava-se se já seria tempo de transferi-lo etc.

Meses depois de minha chegada, quando eu já conhecia as paróquias e os sacerdotes que trabalhavam na Arquidiocese, resolvi ajudá-lo nessas reflexões, fazendo minhas observações e dando meus palpites. Não demorou muito para eu perceber que ele não estava interessado neles: pensar em voz alta era a forma que ele usava para encontrar mais facilmente as respostas. Sem problemas, aceitei meu papel de “ouvidor-mor” e, durante meses, passei a escutar suas reflexões e ponderações. Nunca me lembro de ter ouvido alguma observação negativa sobre qualquer sacerdote ou de ter acompanhado a decisão sobre alguma transferência que não fosse motivada pelo desejo de fazer o melhor para a Igreja e para o respectivo padre.



3 Paixão por Azambuja

Era fácil perceber quando Dom Afonso estava muito preocupado. Não demonstrava nervosismo, não ficava tenso, não se irritava. Contudo, ficava mais sério, mais pensativo e, em determinado momento, acabava revelando o que o estava incomodando. Nem sempre eu me sentia em condições de ajudá-lo com alguma observação. Sabia que, nessas horas, meu silêncio era o que ele mais desejava. Mas quando eu percebia que seu incômodo aumentava, fazia-lhe alguma pergunta a respeito de Azambuja.

O Seminário de Azambuja, em Brusque, foi a verdadeira “casa” de Dom Afonso. Ali foi estudante e, poucos anos depois de sua ordenação sacerdotal, foi nomeado Reitor daquele centro de formação. Afinal, ele era um dos sacerdotes em quem Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo de Florianópolis desde 1914, mais confiava. Não havia pedra ou árvore de Azambuja que Dom Afonso não conhecesse; cada fato ali vivido – foi reitor daquele Seminário até a sua ordenação episcopal, em 1959 – era recordado em detalhes. Na convivência com Dom Afonso conheci tantas histórias de e sobre Azambuja que eu poderia escrever um livro sobre aquele Seminário. Quanto mais um fato fosse marcado pelo humor, mais ele gostava de contá-lo e recontá-lo – e era fidelíssimo aos detalhes... Assim, nas horas em que eu julgava necessário, fazia a Dom Afonso uma pergunta sobre algum fato, pessoa ou objeto ligado a Azambuja. Então, voltava a ouvir alguma história que já conhecia nos pormenores. Ele se soltava, as preocupações desapareciam e tudo voltava à normalidade.

Já que estou mencionando histórias, aqui vai uma, contada por ele. O famoso Dom Joaquim, que o havia ordenado presbítero e bispo, era formal e rigoroso. Suas visitas ao Seminário de Azambuja eram envolvidas por toda uma liturgia própria. Numa dessas visitas, à noite, Pe. Raulino Reitz, grande cientista e na mesma medida distraído, saiu de seu quarto e deixou a porta do quarto aberta. Quando estava no meio do corredor, uma rajada de vento bateu a porta violentamente, fazendo um barulho que encheu toda a casa. Imediatamente, Dom Joaquim saiu de seu quarto e, vendo o padre cientista, lhe perguntou: “Quem fez isso?” Pe. Raulino, que não queria mentir, mas que também não estava a fim de dizer a verdade, respondeu: “Excelência, como saber isso a esta hora da noite?...” Ao contar isso, Dom Afonso não continha o riso.



4 Alegrar-se com os que se alegram

O apóstolo Paulo recomendou aos romanos alegrarem-se com os que se alegram e chorar com os que choram³. Dom Afonso colocava isso em prática. Quando ele sabia de alguma coisa que eu tinha feito e que tinha tido um bom resultado – uma palestra, um artigo, uma entrevista que havia dado –, ele fazia um comentário favorável, demonstrando alegria pela notícia. Não lhe importava que não tivesse sido ele a tomar tal ou tal iniciativa: o importante era que aquilo era bom para a Igreja.

Nos seis anos de nossa convivência, uma vez discordamos: um grupo de seminaristas teólogos, dos quais vários são hoje sacerdotes e amigos meus, decidiu morar num dos morros de Florianópolis. Não houve consulta ao Arcebispo, mas tão somente uma decisão, que lhe foi comunicada. Para não perdê-los, pois ameaçavam deixar a Arquidiocese e procurar um outro bispo, se ele não concordasse com a decisão tomada pelo grupo, Dom Afonso acabou concordando, embora colocando algumas condições, que não é o caso de recordar aqui. Tomada a decisão de continuar aceitando-os como seminaristas, mesmo que morando sozinhos, Dom Afonso perguntou-me o que eu pensava a respeito daquela situação. Com muita liberdade, disse-lhe o que pensava – e o que eu pensava era totalmente contrário ao que ele havia decidido. Ele nada me respondeu. Algumas semanas depois, convocou uma reunião com alguns sacerdotes, para estudar mais detidamente a questão. Pensei: ele não vai me convidar para essa reunião. Na verdade, eu nem desejava ser convidado, para que nossa maneira diferente de pensar não aparecesse publicamente. Afinal, ele é que era o responsável pela Arquidiocese; eu era tão somente seu Bispo Auxiliar, consciente de que muito auxilia quem não atrapalha.

Para surpresa minha, ele pediu-me que eu participasse da reunião. Pensei: tudo bem, participarei, mas espero que ele não me peça para dizer o que penso sobre a decisão dos seminaristas, de morar fora do Seminário. Ledo engano. A certa altura do encontro, ele falou: “É, mas Dom Murilo pensa de modo diferente, não é?” O “não é” era dirigido a mim, e eu não tinha mais condições de ficar calado. Expus calmamente minhas ideias (em resumo: se aqueles seminaristas quisessem morar sozinhos, fora do Seminário, que morassem, mas não pertenceriam mais à Arquidiocese), a reunião continuou sem problemas, a decisão de Dom Afonso foi mantida e, que me lembre, nunca mais tocamos nesse assunto.

³ Cf. Rm 12,15.



Assim era Dom Afonso: tinha opiniões muito claras, mas sabia respeitar as daqueles com quem trabalhava.

5 Um operário da vinha do Senhor

Já Arcebispo de Florianópolis (2002-2011), coube-me presidir a missa pelos dez anos de seu falecimento (2003). Escolhi, para ser proclamada no Evangelho, a passagem em que Jesus faz um comentário a respeito de Natanael, quando esse dele se aproximou⁴: *“Este é um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade!”* Falei que o mesmo poderíamos dizer a respeito de Dom Afonso Niehues.

Ele era uma personalidade admirável. Um homem previsível. Previsível, porque coerente com suas ideias e ideais. Tinha um humor fino – isto é, uma grande capacidade de captar o que só os poetas e humoristas veem. Dom Afonso era catarinense não só de nascimento. Amava o Estado de Santa Catarina, valorizava sua história e cultura, além de vibrar com as conquistas dos catarinenses.

Ele teve uma presença marcante em acontecimentos históricos que marcaram a atuação da Igreja no século XX: participou do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência de Puebla – México (1979); viveu a fase de consolidação da CNBB; foi Secretário Nacional dos Seminários, de 1966-1970; fundou o Regional Sul IV, que compreende as dioceses de Santa Catarina, e foi seu presidente desde a fundação, em 1969, até 1986; colaborou na criação de três novas dioceses catarinenses; participou ativamente da criação da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, mantenedora do ITESC (Teologia) e do SEFISC (Filosofia).

Em 1990, quando celebrou vinte e cinco anos à frente da Arquidiocese de Florianópolis, comentei que ele nos devia um livro de memórias. Ele não as escreveu. Foi uma pena, pois teríamos um livro que seria delicioso ler. Dom Afonso Niehues escolheu como lema de seu episcopado a ordem de Cristo: *“Ide para a minha vinha”*⁵. Fez sua essa ordem. Passou a vida convocando muitos outros para a vinha do Senhor. Dois anos depois de ter deixado a direção da Arquidiocese, durante um retiro, em Brusque, o Senhor o chamou definitivamente para o seu Reino: *“Ide para a minha vinha!”*

⁴ Cf. Jo 1, 43-51.

⁵ Mt 20,7.



Dom Afonso Niehues foi um dom de Deus para a nossa Igreja. Sou-lhe particularmente grato pela minha ordenação presbiteral, pela minha ordenação episcopal e pelo que me ensinou ao longo de seis anos de convivência diária. No centenário de seu nascimento, só posso lhe dizer: *Obrigado, Dom Afonso! Muito obrigado!*

Endereço do Autor:

Av. Leovigildo Filgueiras, 270 – Garcia
40100-000 Salvador, BA